



Maria Victória da Silva.

22 de Novembro 1858.

Meu Luro

Pedis-me que escreva no vosso Album
o que eu quiser, pois vos contenteis com
tuas linhas, tratadas por minha mão.
Um tal pedido feito por um amigo co-
mo vós, e na occasião em que estou
para deixar-vos e partir para Lon-
dres, não pode deixar de ser
atendido. Ai vão pois duas pa-
lavras.

A qualquer ponto que me leve a voltar,
lá tereis um amigo q' vos recorde; um
homem que, se já não em si mesmo apor-
ta o fogo da mobilidade e as ilusões da
vida venturosa, — se já não sente por
faltar-lhe o coração a um romance, os
anjos do poeta, nutre no peito os
sentimentos da mais pura amizade,

e venera esses tres nomes sublimes pelo
sublimidade dos ideos q' exprimem: Patria
familia, amigos.

Talvez antes d' nos tornarmos a ver
decorram muitos annos, Talvez antes d' isso
em tentos de perigimar nas cinzas do
mundo; a toda a heura a vossa imagem
conigo, e se alguma me receber antes
d' isso o corpo inanimado, não hecrais
de todo o lembranças d'agora q' entre
vós n'aguelo vossa querida terra
dos mares do Lir.

Adeus, meu querido amigo, o palio q' vos
to coraço n'uma noite uma sombra d'a
margura, e que a vossa alma jamais
pela miseria, d'este mundo se veja
obrigada a descer d'esse céu de sombra
das venturas que o vosso genio de poeta
criou para si.

Porto 8 de novembro

de 1856

Jose' Barbosa Lima

Poesado am.^o do C.^o

Mon Dieu quelle guerre cruelle!
Je trouve deux homes en moi:

Est dous versos de Mr Racine tendo uma poesia
ma a Luiz 14. Tu sabes, meu am.^o toda esta histo-
ria.

Luiz 14 voltando-se de p.^o o poeta de p.^o e eis os

Sou homens, que eu conheço muito bem.

Eu acho-me p.^o comtigo na mesma situação em que
estava Racine p.^o com Luiz 14, ainda q.^{ue} motivos
differentes.

Tu queres meu am.^o que eu escreva no teu album,
conheço que não posso deixar de cumprir esta dever,
mas não queria escrever q.^{ue} não ter talento para
ter dizer o que se passa em mim a vossa respeito n'uma
linguagem digna de ti e d'este teu livro de recordações.
Em fim direi com ingenuidade e verdade alguma coisa
a respeito da nossa amizade.

Meu charo Luiz. Ha hums poucos annos, que
eu li n'um livro da m.^ã predição as seguintes
palavras dictadas q.^{ue} um talento immenso e q.^{ue}

um coração virtuosissimo

O amigo que I muito tempo se busca, apenas se acha e com prazer se conserva, quando se perde do olhar, não se perde do coração.

Estas palavras ficaram sempre gravadas na m.^a memoria e jurei cumprir o preceito, que elles prescreveram.

Quando tu chegaste a esta terra, eu não tinha aqui um am.^o como entendo, que deveu ser o am.^o talvez fosse pouca creença da m.^a parte: poder ser: mas se eu sou sceptico (e tenho pena disto) á cerca de muitas cousas deste mundo !!!

Neste estado, e tendo a convicção de que o homem precisa, p.^a viver feliz, d'um amigo intimo, eu sentia essa falta, que procurava e desejava ardentemente satisfazer.

A Providencia fez com que tu viesse para Leiria; tive então a ventura de te conhecer e de conhecer o melhor dos homens. Vivemos algum tempo na mais doce harmonia e intimidade, e quando eu gozava da felicidade de vos ter

É companheiro, É collega e É amigo íntimo, foi
então que tive de partir pela dor de vos ver por-
tir para vossa terra natal.

Perdi-te então dos olhos, am^o, mas não do coração.
Affligio-me muitíssimo a idea de me ver privado
do companheiro do collega e do amigo do coração; e
hoje consola-me a esperança de que talvez em
poucos meses me seja restituído a felicidade d'outro
ora!

Quando leres estas linhas escriptas á pressa, na
vespera da tua partida de S^o Porto, sentindo a can-
dade de te ver partir, peço-te ^eunicom, que
digas comtigo o nome, que está aqui escripto,
na ultima pagina do meu livro querido, é
o nome d'um amigo meu.

Leiria, 24, d'Outubro de 1850

Candido Maria Louca Costa.

Fausto de vinha
Monte de Vences
Almeida Guimarães